XXI FAC-FEA LIVRE
Semana Acadêmica Cultural e XVII Encontro de iniciação Científica da FAC-FEA

A FALÊNCIA DO *MITSEIN*

Alexsandro de Almeida SILVA
Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: alexssilva47@outlook.com

Gláucia de Souza Barboza CALIXTO
Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: glaucia.calixto@feata.edu.br

EIXO: Ciências Humanas, Sociais e da Saúde

RESUMO
O presente artigo propõe uma leitura fenomenológico-existencial do suicídio a partir da ontologia fundamental de Martin Heidegger, tomando-o não como desvio psicopatológico, mas como expressão ontológica da ruptura do Mitsein — a estrutura originária do ser-com-os-outros. A investigação, de natureza teórico-fenomenológica, busca compreender o suicídio como linguagem-limite de um mundo que se torna inabitável diante da dissolução dos vínculos intersubjetivos. A análise das narrativas clínicas e autobiográficas evidencia que, mesmo no gesto extremo do suicídio, persiste um apelo à presença e ao reconhecimento do outro, revelando que a coexistência resiste como vestígio ético do humano. Conclui-se que a falência do Mitsein traduz a perda da condição de coabitação simbólica e ontológica, e que a clínica fenomenológico-existencial, ao se orientar por uma ética da presença e da escuta, configura-se como espaço de resistência frente ao colapso do mundo-com. Assim, este estudo contribui para o aprofundamento da compreensão do suicídio como fenômeno existencial e reafirma o papel da psicologia em sustentar o lugar do encontro mesmo nas fronteiras do desespero humano.

Palavras-chave: suicídio; fenomenologia existencial; clínica existencial.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O SUICÍDIO COMO EXPRESSÃO DA FALÊNCIA DO *MITSEIN*

O suicídio, enquantofenômeno humano radical, escapa a explicações simplistas ou unidimensionais. Sua presença atravessa a história como uma forma-limite de manifestação do sofrimento existencial, frequentemente silenciado por normas sociais, religiosas ou científicas que se apressam em classificá-lo como desvio, patologia ou falência moral. No interior dos discursos clínicos tradicionais, prevalece uma tendência a medicalizar o suicídio, vinculando-o a transtornos mentais, fatores de risco e disfunções neuroquímicas. Ainda que tais perspectivas possuam valor instrumental, elas deixam de contemplar a complexidade ontológica da decisão suicida, que frequentemente emerge como resposta a uma experiência

de mundo tornado insuportável. Pensar o suicídio exige ultrapassar a lógica da causalidade e da previsão: “o suicídio não se desvela como comportamento impulsivo ou pontual, mas sim como uma possibilidade que parece acompanhá-las frente a um sofrimento que fez morada em suas existências” (Melo; Azevedo, 2025, p. 12). Assim, torna-se necessário um deslocamento hermenêutico — da explicação etiológica à escuta compreensiva do sentido da existência como ela é vivida por quem sofre. A fenomenologia existencial, nesse contexto, oferece uma via rigorosa e potente para a compreensão do suicídio a partir da constituição relacional do ser, enfocando as estruturas pré-reflexivas do existir e suas rupturas. O que está em jogo, mais do que um sintoma, é a revelação de um colapso do mundo vivido — um mundo que deixa de oferecer lugar ao sujeito, que já não é mais habitável, pois os vínculos que sustentam o ser-no-mundo foram rompidos ou esvaziados (Heidegger, 2005).

É dentro desse horizonte que a ontologia fundamental de Martin Heidegger oferece uma base rigorosa para compreender o suicídio não como um mero fato psicológico ou social, mas como fenômeno existencial que revela rupturas estruturais no modo de ser do humano. Na análise de Heidegger, o ser humano — o *Dasein* — não é um sujeito isolado no mundo, mas um ser que se compreende a partir de sua abertura ao mundo e à presença dos outros. Essa abertura não é posterior, mas constitutiva: existir é, desde sempre, estar-com-outros (Mitsein). Toda compreensão de si se dá em um mundo que já é compartilhado, um mundo-com (Mitwelt), no qual o *Dasein* encontra não apenas objetos, mas outros *Dasein*s com os quais coexiste. Isso significa que a convivência não é um dado empírico, mas uma condição ontológica anterior a qualquer relação concreta. Quando essa estrutura do ser-com é comprometida — por abandono, violência, silenciamento ou dissolução dos laços significativos — o mundo pode perder sua significância, e o *Dasein*, sua possibilidade de projetar-se. Nessas condições, como a fenomenologia permite entrever, o suicídio pode emergir como resposta à quebra dessa coabitação originária, isto é, à falência do *Mitsein* como campo de sentido (Boris; Ming-Wau, 2020).

A falência do *Mitsein* não se dá de forma abstrata, mas se concretiza em vivências de exclusão, negligência e fracasso do reconhecimento intersubjetivo. A angústia que daí emerge não é apenas psicológica, mas ontológica: exprime o esvaziamento do mundo como campo de possibilidades. Nessas experiências, o suicídio surge como resposta à opressão de um mundo saturado de silenciamentos e ausências. Um dos relatos analisados ilustra essa ruptura: “Eu ia parar de existir. Era o que eu mais queria. Na minha cabeça eu iria parar de sofrer” (Boris; Ming-Wau, 2020, p. 7). A fala não expressa apenas sofrimento individual, mas o colapso do

mundo partilhado. Então, segundo os mesmos autores, a fenomenologia, ao reconhecer esse gesto como expressão limite da existência, revela o suicídio não como desvio, mas como manifestação da quebra do ser-com, portanto a falência do *Mitsein*, nesse contexto, emerge como estrutura ontológica subjacente a muitas experiências suicidas, para além das categorias diagnósticas tradicionais.

Esse colapso da coexistência também se evidencia na escrita deixada por sujeitos que optaram pelo suicídio. Ao analisar cartas de despedida, Rabelo (2019) identifica nelas não apenas vestígios de sofrimento psíquico, mas, sobretudo, manifestações de um mundo em ruínas — um mundo que já não oferece mais lugar para o ser. As cartas, longe de serem meros documentos finais, funcionam como testemunhos fenomenológicos da dissolução do campo intersubjetivo. Elas carregam a marca de um último apelo, dirigido àqueles cuja escuta falhou, àqueles cujo silêncio ou violência tornaram a vida impossível. Trata-se de uma escrita que se move na fronteira entre a persistência da linguagem e a extinção do laço: ainda se escreve para o outro, mas já não se vive com ele. As cartas de suicídio indicam uma tentativa de nomear o fim de um mundo que já não oferece abrigo ao ser. Nesse gesto, o suicídio se revela como um modo de significar o esgotamento da convivência: a palavra escrita torna-se o último traço de um ser que não encontrou mais espaço de reconhecimento na presença dos outros. A análise fenomenológica dessas narrativas evidencia que o suicídio não é apenas desligamento da vida, mas ruptura do laço ontológico fundamental — o *Mitsein* —, e nesse sentido, constitui um fenômeno de grande densidade ontológica e clínica (Rabelo, 2019).

A dimensão intersubjetiva da existência revela-se ainda com mais nitidez quando examinamos a solidão como ruptura radical da convivência humana. Valdemar Angerami-Camon (1990), em sua obra dedicada à solidão como fenômeno existencial, mostra como a ausência do Outro constitui uma das experiências mais devastadoras da vida humana. O autor afirma que a solidão não é apenas a percepção da ausência física de alguém, mas "a configuração extremada da ausência do Outro" — uma ausência que se torna presença insuportável e estruturante do desespero contemporâneo (Angerami-Camon, 1990, p. 53). O Outro, longe de ser apenas um ente empírico, é aquele que "dá conceituação à minha própria existência", pois é através da alteridade que o sujeito se reconhece como ser singular no mundo (Angerami-Camon, 1990, p. 55). Sendo assim, segundo o autor, nesse contexto, a solidão torna-se não apenas um estado emocional, mas uma condição ontológica que ameaça a estrutura do ser-no-mundo.

É justamente nesse abismo que a questão do suicídio adquire densidade fenomenológica. A compreensão existencial do fenômeno exige um olhar atento não apenas às dinâmicas intrapsíquicas, mas às rupturas do campo relacional que tornam o mundo inabitável (Melo, 2024). Boris e Ming-Wau (2020) assinalam que a angústia que marca a vivência suicida expressa o esgotamento do ser-no-mundo enquanto espaço compartilhado, sendo frequentemente acompanhada por uma percepção de aprisionamento e de perda de significação no laço com os outros. A dissolução da coexistência, nesse sentido, configura uma experiência radical de destituição do ser. Nesse mesmo horizonte, observa-se que muitos sujeitos são "atirados às raias do desespero pela solidão", e que o suicídio aparece como manifestação última de uma interioridade rompida, que já não encontra acolhida no mundo (Angerami-Camon, 1990, p. 60). A cena relatada por esse autor, em que um suicida contata o CVV após ingerir substância letal para "não morrer sozinho", evidencia que mesmo no instante da extinção há um apelo à presença do outro — um último gesto de resistência ontológica contra o colapso do *Mitsein* (Angerami-Camon, 1990, p. 62).

É sob esse horizonte que se inscreve a presente investigação. Ao considerar o suicídio como expressão da ruptura ontológica do *Mitsein*, este estudo propõe compreendê-lo como forma extrema de significar o colapso dos vínculos intersubjetivos que constituem o mundo habitável. O foco recai sobre os vínculos familiares, reconhecidos nos relatos clínicos e autobiográficos como núcleos estruturantes da existência e, simultaneamente, como pontos críticos de fracasso relacional. Como demonstram Boris e Ming-Wau (2020), quando esses vínculos — que deveriam fundar o cuidado, o reconhecimento e a possibilidade de ser — se convertem em indiferença, abandono ou violência simbólica, o sujeito pode ser lançado ao esvaziamento existencial. Nessa perspectiva, segundo os mesmos autores o suicídio não se apresenta como anulação de um ser isolado, mas como interrupção de uma coabitação que fracassou em sua origem. A partir disso, este artigo propõe interpretar, à luz da fenomenologia existencial, o suicídio na vida adulta como manifestação da falência do *Mitsein* no interior dos vínculos familiares significativos. Por meio do diálogo com narrativas clínicas e autobiográficas presentes na literatura analisada, busca-se iluminar a dimensão ontológica desse gesto e contribuir para um olhar clínico e ético mais atento à estrutura relacional do sofrimento humano.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 Objetivo geral

Compreender o suicídio na vida adulta como expressão da falência do *Mitsein*, a partir da abordagem fenomenológico-existencial, evidenciando o colapso dos vínculos intersubjetivos como núcleo constitutivo do sofrimento psíquico.

2.1.2 Objetivos específicos

- Interpretar a ruptura dos vínculos familiares significativos como elemento estruturante da falência do ser-com;
- Analisar o suicídio como linguagem-limite diante do esvaziamento ontológico do mundo habitado;
- Discutir a contribuição da escuta fenomenológico-existencial na clínica do suicídio, a partir da ética da presença e da coexistência;
- Contribuir com subsídios teórico-clínicos para a atuação do psicólogo existencial diante de situações marcadas pela quebra do laço intersubjetivo.

2.2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente investigação configura-se como uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e abordagem teórico-interpretativa, fundamentada na perspectiva fenomenológico-existencial. O estudo propõe-se a analisar o suicídio a partir da categoria ontológica do *Mitsein* (ser-com), conforme exposta na ontologia fundamental de Martin Heidegger (2014), e sua relação com a ruptura do campo intersubjetivo.

A seleção do material teórico envolveu obras filosóficas e psicológicas contemporâneas que abordam o suicídio enquanto fenômeno existencial, priorizando autores que dialogam diretamente com os fundamentos da fenomenologia existencial. Integram o corpus da revisão os textos de Boris e Ming-Wau (2020), Rabelo (2019), Angerami-Camon (1990), Melo (2024) e Melo e Azevedo (2025), além da tradução brasileira de Ser e tempo, de Heidegger (2014).

A análise bibliográfica foi conduzida por meio de leitura hermenêutica dos textos selecionados, buscando-se evidenciar os sentidos ontológicos da falência do *Mitsein* nas vivências de sofrimento e nas formulações teóricas dos autores estudados. Por tratar-se de uma pesquisa de cunho conceitual, não foram utilizados instrumentos empíricos ou

estatísticos, priorizando-se a coerência argumentativa e o rigor fenomenológico no tratamento do fenômeno investigado**.**

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A FALÊNCIA DO *MITSEIN*: RUPTURAS DA COEXISTÊNCIA E O SUICÍDIO COMO FENÔMENO ONTOLÓGICO

3.1.1 O *Dasein* e a Estrutura Ontológica do *Mitsein*

A compreensão ontológica do suicídio, à luz da fenomenologia existencial, exige uma retomada rigorosa da estrutura fundamental do ser humano conforme delineada por Heidegger (2014). O *Dasein*, enquanto ente que compreende o ser, é, em sua constituição originária, ser-no-mundo. Essa forma de ser não se limita à relação com objetos ou ao simples estar situado em um espaço, mas implica a abertura constitutiva à presença de outros.

O *Dasein* é sempre, desde seu modo mais próprio, um ser-com (Mitsein), o que significa que a coexistência com outros não é um atributo posterior, mas um existencial — uma das estruturas fundamentais que o tornam o que é (Heidegger, 2014)

O mundo em que o *Dasein* existe é sempre um mundo-com (Mitwelt), onde os outros aparecem não apenas como objetos, mas como coexistentes no mesmo horizonte de sentido. A ruptura dessa estrutura — por abandono, exclusão, silenciamento ou dissolução dos laços significativos — compromete a abertura existencial, tornando o mundo inabitável e esvaziado de possibilidades. Nessa condição, o ser perde sua referência fundamental à abertura do ser.(Boris; Ming-Wau, 2020)

Segundo Heidegger (2014), o ser-com determina o *Dasein* de maneira essencial, mesmo quando o outro não está fisicamente presente ou perceptível. Essa estrutura de ser-com permanece como traço constitutivo mesmo na experiência da solidão, revelando que o *Dasein* nunca está de fato isolado em seu modo de ser-no-mundo. A presença do outro, portanto, não é um dado empírico, mas uma condição ontológica anterior à experiência concreta de convivência.

A partir desse quadro, torna-se possível compreender o suicídio não como resultado exclusivo de disfunções psíquicas, mas como expressão de uma ruptura profunda no modo de ser-com que sustenta a existência. Quando o *Dasein* já não encontra um “com-quem” com quem habitar o mundo, ele se vê lançado a um horizonte de completa impossibilidade de

projetar-se. A decisão suicida, nesse sentido, configura-se como manifestação ontológica da falência da convivência originária, revelando o colapso do *Mitsein* como campo fundamental de sentido. (Rabelo, 2019)

3.1.2 A solidão Ontológica e a Ausência do Outro como Ruptura do *Mitsein*

Se a estrutura fundamental do existir é o *Mitsein*, então a experiência da solidão não pode ser compreendida apenas como isolamento afetivo ou contingente, mas como abalo ontológico. A ausência do outro, nesse horizonte, não se refere à mera falta física de companhia, mas à dissolução da possibilidade de reconhecimento, escuta e coabitação no mundo. Essa ausência funda uma solidão que invade a existência por inteiro, esvaziando o campo de sentido, paralisando a abertura ao futuro e gerando um colapso no tecido relacional do ser (Heidegger, 2014).

Angerami-Camon (1990) compreende a solidão como uma das experiências mais devastadoras da vida humana, justamente porque compromete a constituição do sujeito enquanto ser-no-mundo-com-outros. Para o autor, o outro não é um adorno empírico da existência, mas aquele que possibilita a própria conceituação de si. Quando a alteridade é negada, rejeitada ou ausente de modo estrutural, instaura-se uma presença insuportável da ausência — uma forma de sofrimento que não se reduz ao plano psicológico, mas que atinge a estrutura mesma do ser. Nessa perspectiva, a solidão torna-se uma ameaça existencial, capaz de lançar o sujeito a um estado de desespero em que o mundo já não abriga, já não convoca, já não oferece direção.

Esse cenário é particularmente nítido nos testemunhos de pessoas que se encontram em situação suicida. Boris e Ming-Wau (2020) identificam a angústia como afeto dominante nesses relatos, que não se limita à tristeza ou ao medo, mas revela a experiência de aprisionamento no próprio existir. A sensação de estar saturado pelo mundo, de não encontrar escapatória ou possibilidade de mudança, emerge como núcleo do sofrimento. A decisão suicida, nesses casos, aparece como tentativa extrema de cessar uma vida tornada insuportável não por eventos isolados, mas pela perda de um horizonte comum de convivência.

Rabelo (2019), ao analisar cartas de despedida deixadas por pessoas que se mataram, identifica nelas uma escrita que se move no limite entre o desejo de permanecer e a certeza de que a continuidade se tornou impossível. Essas cartas não se reduzem a bilhetes de encerramento; elas funcionam como testemunhos fenomenológicos da dissolução do mundo-com. São dirigidas a um outro cuja escuta já falhou, mas que ainda assim é convocado na

linguagem — último vestígio da relação perdida. A palavra, nesse contexto, torna-se uma tentativa de significar a ruptura do laço: ainda se escreve para o outro, mas já não se vive com ele. O que se expressa nesses textos é o fim da possibilidade de coabitação, a falência do *Mitsein* como estrutura de habitação do mundo.

Mesmo nas situações em que o suicídio se consuma, há gestos que indicam um último apelo à presença do outro. Angelami-Camon (1990) relata, por exemplo, o caso de um homem que, após ingerir substância letal, liga para o CVV com o único intuito de não morrer sozinho. Esse gesto trágico explicita que, mesmo no limiar da morte, persiste o desejo de reconhecimento, de co-presença, de um último testemunho da existência. Tais manifestações reforçam a tese de que o suicídio não é pura retirada da vida, mas denúncia de um mundo que se esvaziou de alteridade.

Dessa forma, a solidão, conforme delineada pela fenomenologia existencial, manifesta-se como desdobramento radical da falência do *Mitsein*. A ausência do outro, nesse horizonte, ultrapassa o sofrimento psíquico e configura-se como impossibilidade ontológica de continuar sendo no mundo. Heidegger compreende que o *Dasein*, mesmo quando só, ainda é ser-com, o que significa que a convivência não é um aspecto secundário da existência, mas uma de suas estruturas fundamentais (Heidegger, 2014). A ruptura dessa estrutura abala o núcleo mesmo do ser-no-mundo, e não apenas os vínculos relacionais empíricos. Essa compreensão é aprofundada por Angerami-Camon, ao indicar que a solidão pode lançar o sujeito às raias do desespero, como expressão da ausência insuportável do outro que dá consistência à própria existência (Angerami-Camon, 1990). Nessa direção, Melo interpreta o suicídio como interrupção de um ser cujo mundo, esvaziado da coabitação originária, tornou-se inabitável e destituído de sentido (Melo, 2024).

3.1.3 O Suicídio como Linguagem Limítrofe: A Carta como Vestígio do *Mitsein*

A decisão suicida, quando precedida por uma carta de despedida, não configura um gesto de explicação ou encerramento racional, mas uma forma de linguagem limítrofe — expressão final de um ser que tenta ainda, pela palavra, recuperar o laço rompido. A escrita suicida não deve ser compreendida como um ato instrumental ou apenas psicológico, mas como manifestação última da busca por sentido e por coabitação no mundo, mesmo quando essa coabitação já se encontra irremediavelmente comprometida (Rabelo, 2019).

Esse movimento é compatível com a concepção heideggeriana do ser-com como estrutura originária do *Dasein*. Quando o outro se retira ou se torna ameaça, a linguagem, que

é em si mesma modo de ser-com, torna-se o último recurso ontológico disponível. Mesmo na iminência da morte, o sujeito não abandona completamente a busca por reconhecimento; antes, escreve para ainda ser visto, para ainda ser compreendido, ainda que tardiamente. O suicídio, nesse sentido, não é apenas fim da existência biográfica, mas gesto dirigido, tentativa de retomar o laço simbólico em sua condição mais extrema (Heidegger, 2014).

Rabelo (2019), ao analisar cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram, identifica nesses escritos um movimento ambíguo entre a despedida e o apelo, entre o silêncio iminente da morte e a permanência da linguagem como rastro do outro. A escrita emerge nesse contexto como uma forma de resistir ao apagamento total, como último gesto de afirmação da existência em relação. Não se trata de informar, justificar ou acusar, mas de endereçar-se a um outro que falhou — um outro cuja escuta, quando existiu, não acolheu, e cuja ausência tornou a vida insuportável. A carta suicida, assim, inscreve-se como vestígio do *Mitsein* falido, como esforço de reinscrição de si em um mundo que já se esvaziou de co-presença.

Angerami-Camon(1990) também aponta que muitos sujeitos, ao se aproximarem do ato suicida, ainda expressam o desejo de serem ouvidos, como no caso daquele que liga para uma instituição de apoio simplesmente para não morrer só. Esse dado fenomenológico reforça a compreensão de que o ser, mesmo quando prestes a anular-se biologicamente, permanece enredado no apelo por co-presença. A linguagem, nesse ponto, não comunica conteúdo, mas grita por vínculo.

Em diversos testemunhos analisados por rabelo (2019), nota-se que os sujeitos que escrevem estão simultaneamente desistindo do mundo e tentando significá-lo. O conteúdo das cartas não raro denuncia o fracasso da convivência, o sofrimento no seio das relações familiares, a ausência de escuta, o excesso de julgamento ou a indiferença dos que deveriam amparar. O suicídio se apresenta, nesses relatos, como saída não do ser, mas do mundo tornado inabitável, e a carta, como artefato ético-linguístico de denúncia desse esvaziamento.

Ao se dirigir a um outro por meio da escrita, o sujeito suicida atesta que seu mundo ainda se estrutura em torno da alteridade, mesmo que esta esteja comprometida. A carta funciona, assim, como testemunho residual de um *Mitsein* que já não sustenta, mas ainda orienta. O que resta é a palavra — não como signo, mas como traço do ser-com ausente, como insistência da convivência mesmo no fim (Heidegger, 2014).

4 A CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO RESISTÊNCIA À FALÊNCIA DO *MITSEIN*

A ruptura do *Mitsein*, enquanto estrutura ontológica do ser-com, manifesta-se na clínica existencial como o ponto mais sensível do sofrimento humano. Quando a experiência de coexistência se rompe, o sujeito se vê lançado a um mundo destituído de abrigo simbólico, onde o outro já não comparece como presença significativa. Nesse horizonte, o suicídio deixa de ser compreendido como disfunção individual e revela-se como expressão do colapso da convivência, da impossibilidade de continuar sendo no mundo (Heidegger, 2005; Melo, 2024).

A escuta fenomenológico-existencial, nesse contexto, assume o caráter ético de uma presença que resiste ao isolamento. O psicólogo é convocado a estar-com o outro no espaço do desamparo, sustentando uma escuta que reconhece a dor como linguagem legítima de uma existência em ruptura. A clínica torna-se, assim, lugar de restituição mínima da coexistência: um espaço em que o vínculo pode ser reaberto não pela interpretação, mas pela presença compartilhada (Melo, 2024; Boris; Ming-Wau, 2020).

Angerami-Camon (1990) evidencia que a solidão é a configuração extremada da ausência do outro. Mesmo quem decide pela morte conserva um apelo à presença — como o homem que, após ingerir substância letal, liga ao CVV apenas para “não morrer sozinho”. Esse gesto revela que, mesmo no limiar da extinção, subsiste o desejo de co-presença, vestígio do Mitsein que insiste em permanecer.

Nessa perspectiva, o cuidado clínico fenomenológico não busca eliminar o risco, mas compreender o que ele anuncia. Trata-se de abandonar a postura pericial e adotar uma abertura radical à experiência do outro, escutando não apenas o discurso, mas o modo de ser que nele se desvela (Melo, 2024). O psicólogo existencial não interpreta para corrigir, mas acompanha para sustentar. A escuta torna-se um gesto de testemunho — uma forma de dizer ao outro que sua dor ainda encontra morada na presença de alguém.

Desse modo, o encontro clínico se converte em um ato ético de resistência à desumanização, compreendido, conforme Heidegger (2005), como possibilidade de restituir ao Dasein um modo de ser-com mesmo quando o mundo parece desfeito. Ao permanecer junto ao sujeito em sua travessia, o terapeuta reafirma a possibilidade ontológica da coexistência, sustentando, na presença, o que Melo (2024) denomina de gesto clínico fenomenológico — uma forma de estar-com o outro sem antecipar-lhe sentidos, mas acolhendo sua experiência tal como se desvela. Essa postura se aproxima da compreensão de

Angerami-Camon (1990), para quem o cuidado é sempre resposta à ausência do outro e, portanto, ato de reconstrução simbólica do laço. Assim, a clínica fenomenológico-existencial não se limita a tratar o sofrimento, mas a reabrir o espaço da coexistência, recordando, como afirmam Boris e Ming-Wau (2020), que mesmo diante do desespero, a presença ainda pode significar vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises empreendidas, tornou-se possível compreender que o suicídio, enquanto fenômeno humano radical, não se esgota nas explicações empíricas ou nas categorias psicopatológicas que pretendem delimitá-lo. O percurso fenomenológico-existencial empreendido ao longo deste estudo revelou que o suicídio se desvela, antes, como expressão ontológica de uma ruptura no modo originário de ser-com, isto é, como sintoma último da falência do *Mitsein*. Trata-se, portanto, de um acontecimento que não remete simplesmente à morte biológica, mas à experiência de dissolução da coabitação que sustenta o mundo como espaço de sentido e possibilidade. A partir da ontologia fundamental de Heidegger (2014), compreende-se que o *Dasein* é, desde sempre, ser-com-os-outros; e que, quando essa estrutura se rompe, o mundo-com se converte em mundo-vazio — uma morada desabitada, um espaço destituído de referência.

Os dados teóricos e fenomenológicos analisados apontam que o colapso do *Mitsein* não ocorre de modo abstrato, mas se concretiza em experiências de exclusão, negligência e silêncio que atravessam os vínculos intersubjetivos. Boris e Ming-Wau (2020) descrevem, em relatos clínicos e existenciais, o modo como a angústia emerge nesses contextos como afeto fundamental, traduzindo o esvaziamento do mundo enquanto campo de possibilidades. Essa angústia, longe de ser patológica, é o índice ontológico de um existir que perdeu o solo da coexistência. Quando o outro deixa de aparecer como presença significativa, a existência perde o horizonte de abertura, e o sujeito, confrontado com o nada de seu mundo, vê no suicídio uma tentativa extrema de reconquistar algum domínio sobre o próprio ser — ainda que através da aniquilação.

Rabelo (2019), ao investigar cartas e bilhetes de despedida, confirma essa hipótese ao evidenciar que a linguagem do suicídio é uma linguagem dirigida. As cartas não são apenas vestígios de uma vida que se encerra, mas testemunhos fenomenológicos de um ser que, mesmo no limiar da extinção, ainda se dirige ao outro. O gesto da escrita revela a persistência do *Mitsein* mesmo em ruína: o sujeito fala para ser ouvido, endereça-se a um tu, busca, pela

palavra, um último laço de co-presença. Assim, o suicídio não aparece como recusa absoluta do outro, mas como derradeiro apelo à presença negada. Nessa fronteira, o ato suicida revela-se, paradoxalmente, como tentativa de comunicação, como resistência ontológica à total ausência de sentido.

Angerami-Camon (1990) contribui para essa compreensão ao conceituar a solidão não como estado psicológico, mas como estrutura de ausência que ameaça o próprio modo de ser-no-mundo. O autor evidencia que, quando o outro se torna inacessível, o *Dasein* é lançado a uma espécie de exílio ontológico, em que a vida continua, mas o mundo se torna desabitado de significações. A solidão, nesse contexto, é o nome fenomenológico da falência do *Mitsein*: ela traduz a perda da possibilidade de se reconhecer a si mesmo na presença do outro. A experiência da solidão extrema, portanto, não é mero sofrimento contingente, mas sinal de um colapso estrutural da convivência — e é justamente nesse abismo que o suicídio emerge como denúncia e linguagem do não-habitar.

Desse percurso decorre uma consequência ética e clínica decisiva. A fenomenologia existencial, ao compreender o suicídio como ruptura ontológica, desloca o olhar clínico da causalidade para o sentido, da correção para a escuta, da norma para a presença. Melo (2024) enfatiza que o psicólogo existencial não intervém sobre comportamentos, mas se posiciona diante do outro em atitude de co-presença, reconhecendo na dor uma forma legítima de expressão do ser. A escuta, nesse horizonte, é um modo de ser-com, uma prática de testemunho e não de interpretação. É nesse ponto que a clínica se torna, ela própria, uma tentativa de restituir o mundo-com em meio ao seu colapso. Quando o laço ontológico se rompe, cabe ao terapeuta fenomenológico sustentar com o sujeito um espaço de permanência possível, em que o sofrimento possa encontrar ressonância, e não julgamento (Melo; Azevedo, 2025).

O campo clínico, assim, se revela como lugar de resistência ontológica. Ser-com o outro, em situação de sofrimento radical, significa afirmar a possibilidade mesma de coexistência quando tudo parece desfeito. A tarefa do psicólogo existencial não é salvar nem normalizar, mas testemunhar — isto é, estar presente quando o mundo se ausenta. Essa presença não repara o colapso, mas o atravessa junto ao sujeito, oferecendo-lhe um horizonte de reconhecimento mínimo, ainda que precário. Trata-se de uma ética do acompanhar, e não do corrigir; de uma escuta que restitui o humano em sua vulnerabilidade mais profunda.

Reconhece-se, enfim, que este estudo, por seu caráter teórico-fenomenológico, não pretendeu esgotar o fenômeno suicida, mas abrir caminhos para compreendê-lo a partir de

suas dimensões ontológicas e relacionais. O suicídio, aqui, não é lido como evento isolado, mas como revelação de um mundo em falência. Ao evidenciar a correlação entre solidão, angústia e colapso do *Mitsein*, este trabalho reafirma a necessidade de uma psicologia comprometida com a escuta da existência e com a restituição simbólica da co-presença. O desafio que se impõe à clínica contemporânea é o de habitar esse entre-lugar: o espaço ético onde a vida ainda pode ser dita, mesmo quando já não pode ser sustentada. Em um mundo cada vez mais marcado pelo distanciamento e pelo silenciamento, a fenomenologia existencial recorda que ser humano é, antes de tudo, ser-com. E é nesse ser-com — fragilizado, ameaçado, mas ainda possível — que repousa a última esperança contra a falência do sentido.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Solidão**: a ausência do outro. São Paulo: Pioneira, 1990.

BORIS, Georges Daniel JanjaBloc; MING-WAU, Carlos; MELO, Anna Karynne; SILVA, Raimunda Magalhães da. Vivências de angústia em tentativas de suicídio: considerações clínicas à luz da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. spe, p. 1310-1330, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362279482_VIVENCIAS_DE_ANGUSTIA_EM_TENTATIVAS_DE_SUICIDIO_CONSIDERACOES_CLINICAS_A_LUZ_DA_FENOMENOLOGIA_EXISTENCIAL_DE. Acesso em: 5 jul. 2025.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2005.

MELO, Daniel Marcio Pereira. Clínica existencialista do comportamento suicida: dos aspectos constitutivos ao dilema ético no luto familiar. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 38-87, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.37067/rpfc.v13i1.1149. Acesso em: 5 jul. 2025.

MELO, ManuellaBila de; AZEVEDO, Ana Karina Silva. Compreensões fenomenológico-existenciais acerca da experiência de suicídio na infância: “E existe?”. **Psicologia**: Ciência e Profissão, Brasília, v. 45, e278009, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003278009. Acesso em: 29 abr. 2025.

RABELO, Elizabeth Avelino. **A morte de si por escrito**: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22112019-114147/. Acesso em: 5 jul. 2025.